



# Biologia In Situ Podcast

## A PRÓXIMA A CHEGAR, ACENDA A LUZ: MINISSÉRIE POLÍTICA – DESMONTE NO MEIO AMBIENTE

### LEGENDAS

( / ) : Representa uma mudança durante a fala;

( ... ) : Representa uma pausa na fala;

( “ ” ) : Destaca títulos de obras literárias, textos científicos e termos em outro idioma;

( : “ ” ) : Introduce um pensamento ou fala de pessoas que são mencionadas no podcast;

( \* ) : Destaca falas sobrepostas.

( [ ] ) : Destaca efeitos sonoros





**BIO** <sup>IN</sup>  
SITU

# Biologia In Situ Podcast

**Vinheta:** Você está ouvindo o Biologia In Situ. Porque todas as estradas levam à Biologia.

**Ricardo:** Olá! Muito bem, bio-ouvinte! Estamos aqui para mais um episódio. O episódio da nossa minissérie política intitulada “A próxima a chegar acenda a luz”. Afinal de contas, o último a sair apagou a luz faz tempo pelo jeito que a estamos nesse Brasil. Não é, Gabriel?

**Gabriel:** Coloca tempo nisso.

**Ricardo:** Aqui comigo, Gabriel Oliveira. Biólogo, mestrando e modelo nas horas vagas [risos].

**Gabriel:** Toda oportunidade que o Ricardo tem de falar que sou mestrando, ele usa. É isso, gente. Estou de volta mais uma vez. Sempre digo isso, mas é sempre um prazer está aqui falando um pouquinho com vocês e trocando essa ideia com o Ricardo.

**Ricardo:** Sim. Agora, dando continuidade na nossa minissérie. No primeiro episódio falamos sobre o desmonte na Funai, mas especificamente toda causa indígena correlacionada nessa situação. Hoje, iremos falar do desmonte ambiental, nas áreas ligadas ao meio ambiente, como o Ministério do meio ambiente. Então, bio-ouvinte, antes de começarmos falando sobre o tema desse episódio vamos acompanhar um trecho que vocês devem conhecer:

“Esta terra, senhor, me parece que da ponta mais contra o Sul vimos até outra ponta que contra o Norte vem, que de nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por conta. Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por



**BIO** <sup>IN</sup>  
SITU

cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos, de ponta a ponta é tudo praia palma, muito chã e muito formosa.

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra, em si, é de muitos bons ares, assim frios e temperados, como os de Entre Doiro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

Porém, o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar essa gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.”

**Ricardo:** E aí, bio-ouvinte, já dá pra ter uma ideia do que vamos falar hoje só de ouvir este trechinho? Se você não reconheceu, e é muito compreensível, esse é um trecho das primeiras impressões que Pero Vaz de Caminha, escrivão-mor da frota de Pedro Álvares Cabral, transmite ao rei de Portugal, depois de chegarem ao Brasil em 1500. É importante esclarecer que, nesse momento, ou seja, séculos XV e XVI, o mundo vivia a chamada “Época das Grandes Navegações”, período em que Portugal e Espanha navegavam o oceano Atlântico em busca de um novo caminho para se chegar à Ásia, já que a rota que passava por Constantinopla havia sido fechada. A bordo, carregavam um outro objetivo importante: checar o que havia de terras a serem exploradas nesses trajetos. Aliás, a rota por Constantinopla estava fechada pela famosa tomada pelos turcos-otomanos.

**Gabriel:** E as Grandes Navegações acabaram, realmente, por concretizar os planos europeus de expansão marítima. A Espanha, com Cristóvão Colombo, desembarca no continente americano, na região das Bahamas, em 1492 e Portugal, ao sul da Bahia (Porto Seguro) em 22 de Abril de 1500. Embora o objetivo primeiro fosse a

busca por nova rota que permitisse manter o valorizado comércio de especiarias, fica evidente na carta de Caminha a possibilidade de ampliar e explorar seu novo território, principalmente no trecho que diz: “Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.” Eu queria fazer um comentário, aproveitando o gancho das navegações, que tem uma carta do Cristóvão Colombo na terceira vinda dele nas américas que fala muito sobre desse território, como era e o que poderia ser utilizado dele. Mas a ideia que era vigente, era que apesar de ser uma terra interessante havia a necessidade da domesticação. Eles procuravam o paraíso aqui na Terra. Adão e Eva haviam sido expulsos do paraíso e para eles existia em algum lugar. No momento que perceberam que não existia, resolveram criar [risos]

**Ricardo:** Isso é um pensamento muito desgraçado. Eles acharam um paraíso mesmo. “Não quero não”.

**Gabriel:** Não é o paraíso da Bíblia não. Vamos criar, vamos domesticar. Parte muito dessa ideia que o Caminha fala de como salvar essa gente. Os indígenas que já moravam aqui e cuidavam da terra/ Boa parte dessas espécies e cultivos de planta foi milenar dos povos nativos. Mas para eles era preciso refazer, já que da forma que estava era selvagem e era preciso mudar. Isso é muito doido, mas a carta do Caminha, me lembrou do Cristóvão e podemos deixar o link para quem quiser acessar.

**Ricardo:** Bem, vamos lá. Quando chegamos aos nossos dias, podemos perceber que o espírito expansionista e a visão exploratória do colonizador vem junto, contaminando uma parte dos brasileiros de hoje com uma visão individualista, banalizadora e possessiva que acarreta, no percurso, muito desrespeito e destruição do meio ambiente.

**Gabriel:** Mas, antes de começarmos nossa conversa tratando da trajetória do Direito Ambiental no país, é bom reforçar que existe, sim, um conjunto de leis e normas que regulamentam a relação entre a ação humana e empresarial e o meio ambiente. Contudo, muitas vezes e por diversas razões, essas leis não são efetivamente cumpridas. O artigo 225 da Constituição brasileira expressa que: “ O direito a um meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo, é essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”. Esse artigo é garantido em leis que visam à proteção do meio ambiente, entre elas:

Lei das Florestas (1965): regulamenta a proteção de áreas florestais e seus arredores.

**Ricardo:** Lei da Fauna Silvestre (1967): regulamenta as ações do homem e de empresas, tipificando crimes em relação a animais silvestres.

**Gabriel:** Lei de Proteção Ambiental (1981): criou áreas de proteção ambiental e áreas que representam ecossistemas que devem ser inteiramente preservados.

**Ricardo:** Lei da Política Nacional do Meio Ambiente (1981): regulamenta a indenização que empresas ou pessoas devem pagar ao estado ou ao indivíduo afetado em caso de dano ambiental. Regulamenta também o formato da investigação e acusação.

**Ricardo:** Lei do Gerenciamento Costeiro (1988): regulamenta a definição e os limites das zonas costeiras brasileiras, além da definição de responsabilidades em relação aos recursos naturais.

**Gabriel:** Lei da Criação do Ibama (1989): executa políticas ambientais por meio do trabalho conjunto entre secretarias e agências relacionadas ao meio ambiente.

**Ricardo:** Lei de Recursos Hídricos (1997): regulamenta a correta utilização da água, definindo-a como um recurso limitado, estabelecendo a normatização em relação ao seu esgotamento.

**Ricardo:** Além de tudo isso que falamos, no inciso IV do artigo 225 da Constituição, ainda é descrito que, para assegurar a efetividade desse direito, é responsabilidade do Poder Público: “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”. Não há como negar que isso é de fundamental importância, para que as pessoas entendam porque é tão necessário preservar e como fazer isso. Mas alguém já teve, em sua vida escolar, alguma disciplina que estudasse educação ambiental? Eu pelo menos não tive.

**Gabriel:** Acho que quem teve foi na linha meia boca. Não lembro de ter tido na escola e na graduação não lembro de ter tido. A Constituição já considera, portanto, o meio ambiente como um direito do brasileiro que, também, deve contribuir para que permaneça preservado. Aos órgãos governamentais cabe a elaboração, regulamentação, execução das políticas ambientais e a fiscalização do seu cumprimento. Tudo simples, fácil, lindo e maravilhoso, não é mesmo? É aí que o “caldo entorna”, querida bio-ouvinte, pois é muito difícil o controle das situações irregulares, quando órgãos públicos adotam medidas “fora das 4 linhas da Constituição”. Um exemplo bem recente aconteceu na reunião do presidente Jair Bolsonaro com seus ministros, em 20 de Maio de 2020. A fatídica reunião do vídeo que foi liberado. Ali, o então Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, sugeriu que se aproveitasse o momento em que a atenção da imprensa estava voltada para a pandemia da covid-19 e ir deixando “passar a boiada”.

[áudio da reunião ministerial]



**BIO** <sup>IN</sup>  
SITU

# Biologia In Situ Podcast

**Ricardo:** E, apesar de todo nosso espanto e preocupação, parece que o governo federal gostou da ideia, já que o que se viu de lá pra cá foram aprovações de uma série grande de reformas infralegais, ou seja, aprovação de medidas que não se encontram inteiramente de acordo com os mecanismos legais.

**Gabriel:** Mas veja bem, bio-ouvinte, queremos deixar claro que nossa intenção não é questionar a legislação ambiental brasileira, que se mostra exemplar em sua maior parte, mas jogar luz sobre a preocupante destruição do espaço ambiental, principalmente nos últimos 3 anos. Devido a uma gestão irresponsável que dá suporte a grupos interessados unicamente no lucro, seja com a exploração imprudente e negligente de regiões, muitas vezes, preservadas, seja com o desmonte e militarização de instituições que têm como missão a preservação e conservação desses mesmos ambientes.

**Ricardo:** Se levarmos em conta o desenvolvimento tecnológico e as transformações sociais e comportamentais ao longo da história que culminaram na sociedade contemporânea, veremos que os conceitos de progresso e meio ambiente são interdependentes, ou seja, o desenvolvimento de um país está, de alguma forma, atrelado à exploração de recursos naturais.

**Gabriel:** Bem... como você está acompanhando nosso raciocínio, vai dizer que isso é um fato, certo?!!! Mas... qual é o problema, então? Ou melhor ainda, existe um problema???

**Ricardo:** E a resposta é sim. Se um dia nossa espécie já viveu cercada por uma natureza exuberante, em uma espécie de “comunhão” com ela, agora não é mais assim. Hoje o cenário em que vivemos se mostra bem diferente. A conduta humana fez com que muitos rios se tornassem impróprios para pesca, trechos enormes de florestas fossem devastados por olhos fixos no lucro que a madeira de suas árvores



**BIO** <sup>IN</sup>  
SITU

podia trazer, ou pelo aproveitamento da área para criação de gado, desenvolvimento de determinada monocultura, ou mesmo, extração mineral. Os exemplos são vários, porém, com um rastro de destruição cada vez maior.

**Gabriel:** Apesar de frequentemente os seres humanos se comportarem como senhores absolutos, tratando e manuseando a natureza a seu bel prazer, ela, a natureza, não pode ser encarada de maneira inconsequente, ou como algo externo; afinal, a existência da humanidade depende da permanência da imensa diversidade biológica. E aqui, vale reforçar que, sim, esses recursos naturais são finitos.

**Ricardo:** Então é isso mesmo?! Se os recursos naturais são finitos e se os estamos explorando de forma tão destrutiva, que futuro estamos construindo?

**Gabriel:** Queria agradecer ao Vitor que trouxe essa ideia, nós estávamos conversando antes, mas eu parei para pensar que se ele tivesse dobrado os recursos, também daria no mesmo. \* **Ricardo Gomes:** é, também, o cara estava todo errado: “Eu quero fazer um mundo melhor”, e para isso tem que matar a metade do universo. Ele só estava errado \* **Gabriel Oliveira:** Esse gancho é legal, porque, por muitas vezes, nós achamos que a solução é uma coisa simples... quer dizer, não que seja simples matar metade da população. \* **Ricardo Gomes:** é um estalar de dedos. \* **Gabriel Oliveira:** mas eu digo assim, parece que sempre há uma solução e essa solução não é a mudança dos nossos hábitos. Então, no caso do Thanos: matar metade da população ou dobrar os recursos, não é: vamos mudar o modo como a humanidade está vivendo [risos], não, isso não. Vamos continuar a destruir e então dobramos os recursos das coisas e vai dar certo. Mas não vai dar certo se nós continuarmos vivendo assim.

**Gabriel Oliveira:** Mas como nós embasamos essa argumentação? A observação dos dados referentes à destruição em curso traz luz sobre a necessidade, urgente, de



adotarmos novas formas de atuação, com vistas à preservação e conservação do meio ambiente.

**Ricardo Gomes:** É bom lembrar que os impactos negativos sobre o meio ambiente começaram com um acontecimento que é considerado um fator de progresso técnico e desenvolvimento. E de fato, não podemos negar, mas que também arrastou consigo muito estrago e degradação. O acontecimento a que nos referimos é a Primeira Revolução Industrial que modernizou as técnicas de produção e alterou o sistema de poder econômico. Mas... e olha aqui o “mas” novamente, mudando a rota... ao fazer uso de novas fontes de energia, como por exemplo, o carvão e o petróleo, aumentou consideravelmente o nível de degradação ambiental, tanto por extração de recursos, quanto por resíduos poluentes. E assim o fluxo da história vai seguindo o seu curso, levando de um lado o progresso e o desenvolvimento industrial e econômico e, de outro, o aumento da poluição e destruição ambiental.

**Gabriel Oliveira:** Por sua vez, a preocupação em conciliar os conceitos de sustentabilidade e crescimento econômico é relativamente atual. Teve início em meados do século XX, por volta dos anos 1960, em diferentes partes do mundo, partindo de um incômodo crescente de parte da população que presenciava cotidianamente a paisagem a sua frente ser degradada. Ao longo do tempo, houve um amadurecimento desse movimento, com a discussão se transformando em mobilização social e ativismo, contando, mais recentemente, com o suporte técnico de publicações de teses e artigos científicos.

**Ricardo Gomes:** E então, bio-ouvinte, que tal fazer uma caminhada pela história pra entender como esse movimento surgiu no Brasil?

[vinheta da TV Cultura: “Senta que lá vem história...”]



**BIO** <sup>IN</sup>  
SITU

# Biologia In Situ Podcast

**Gabriel Oliveira:** Começamos em 1953, quando o governo de Getúlio Vargas sancionou a Lei nº 1.806, que promovia a delimitação da Amazônia, além de um plano econômico que visava promover o desenvolvimento da região. Segundo o Art. 1º, “O Plano de Valorização Econômica da Amazônia, previsto no Art. 199 da Constituição, constitui um sistema de medidas, serviços, empreendimentos e obras, destinados a incrementar o desenvolvimento da produção extrativa e agrícola pecuária, mineral, industrial e o das relações de troca, no sentido de melhores padrões sociais de vida e bem-estar econômico das populações da região e da expansão da riqueza do país.”.

**Ricardo Gomes:** Mas vamos com calma. Ao reler com mais atenção esse artigo, podemos perceber que, para haver “melhores padrões sociais de vida”, “bem-estar econômico” e “expansão da riqueza da região e do país”, é proposto incrementar o desenvolvimento de uma produção apoiada na exploração ambiental. Além disso, pode-se notar, também, que o foco está centrado no ganho de capital e não na preocupação com o meio ambiente. E, mais ainda, mesmo mencionando o cuidado com o bem estar das populações da região, sabemos que, por muito tempo, as comunidades locais foram totalmente negligenciadas e continuam sendo até hoje, infelizmente. Como nós falamos no episódio passado dessa mesma minissérie, do desmonte da FUNAI, nós falamos um pouco sobre as populações originárias e como elas sofrem, sempre sofreram e sofrem até hoje com disputa de terras, entre outras, e maus tratos.

**Gabriel Oliveira:** E essa própria ideia de ressarcimento. de cuidado com as comunidades locais, é uma balela. Por muitas vezes nós ditamos o que é o ressarcimento para eles, alguns políticos fazem campanha, mas nós sabemos que hoje em dia, tem estudiosos de etnobotânica, estou falando de etnobotânica porque é mais confortável para mim, mas também para aproveitar e dizer que nós temos um episódio sobre etnobotânica e você pode dar uma olhada no nosso feed, saindo desse você já vai voltando. A própria ideia de ressarcimento precisa ser conversada com a



**BIO** <sup>IN</sup>  
SITU

comunidade, o que é importante para eles? É dinheiro que é importante para eles? Nós ditamos... quando o Ricardo estava comentando e já vou passar para ele falar um pouquinho disso, de uma comunidade que queria curso de inglês.

**Ricardo Gomes:** Ah sim, justamente em uma aula de etnobotânica, na faculdade, que a professora Odara, lá da Federal Fluminense, falou sobre um trabalho de campo específico que foi fazer em uma comunidade, e que esses trabalhos que você faz nas comunidades tradicionais, sempre tem que haver contrapartida para aquela comunidade. Por mais que você não esteja tirando renda daquilo, você estará tirando conhecimento daquelas pessoas, por isso você precisa ter uma compensação. E conversando com a comunidade, o que eles pediram em contrapartida, foi que eles tivessem aula de inglês. Uma contrapartida que foi alcançada com a conversa com a comunidade e eles falaram: “Nós preferimos tal coisa”.

**Gabriel Oliveira:** Claro que nós não estamos falando que tudo bem explorar desde que as comunidades sejam ressarcidas, não é isso. Mas a ideia de que até esse ressarcimento muitas vezes não é feito com eles. A ideia de ressarcimento pelo menos. Quando se tem a ideia não é feita em conjunto com eles, quando deveria ser, não sabemos quais são suas necessidades.

**Ricardo Gomes:** É como se eu jogasse na loteria ou eu nem tivesse jogado na loteria e chegasse alguém querendo me dar um prêmio: olha esse prêmio você ganhou pela loteria! Mas eu não joguei – Mas você vai ganhar esse prêmio – mas o que é? – É um porco – Mas eu não tenho fazenda – Mas fica com esse porco – Mas eu moro em apartamento, não tenho como ficar – Mas o porco é seu, tem que cuidar! [risos]

**Gabriel Oliveira:** Isso mesmo, mas vamos fechar esse ponto e avançar mais um pouco e vamos falar do Período da Ditadura Militar (foi entre 1964 e 1985), pois sempre é bom lembrar o período. Sabe-se que o governo, na tentativa de alavancar o desenvolvimento do país, instaurou políticas econômicas agressivas de estímulo ao

extrativismo e à produção de mercadorias agrícolas e industriais destinadas à exportação.

**Ricardo Gomes:** O Gabriel fez bem em ressaltar esse período da ditadura (de 1964 a 1985), porque afinal de contas foi uma das ditaduras que nós tivemos no Brasil. Foi só a mais recente. E como você falou, esse repasse do capital estrangeiro para o setor privado, aliado ao incentivo do governo, fez com que o setor agropecuário crescesse no país, como resultado da pressão para que se acelerasse o desenvolvimento do capitalismo no campo. Nesse contexto, são criadas políticas econômicas com foco na região amazônica, que teve seu relevo afetado por transformações, com a expansão de áreas agrícolas destinadas à produção de matéria prima para atender empresas do setor agrícola. Contudo, a política estatal na Amazônia foi além do setor agropecuário, enveredou também por atividades de mineração e agroindústrias, a fim de produzir produtos com valores mais elevados no mercado internacional. E então, bio-ouvinte, você consegue perceber as consequências, evidentemente negativas, desse processo?

**Gabriel Oliveira:** Além do poder e do dinheiro ficar nas mãos de poucos, sem contribuir efetivamente para a melhoria das condições de vida da população local, a expansão dessas atividades culminou no estabelecimento das políticas de demarcação de terras devolutas e indígenas e no consequente processo de colonização e expansão capitalista.

**Ricardo Gomes:** Fica bem claro, então, que os conceitos de ecologia e de desenvolvimento sustentável não eram temas importantes a serem discutidos durante esse período, que visava unicamente à exploração intensa dos recursos naturais.

**Gabriel Oliveira:** Os tentáculos do polvo da época da ditadura foram crescendo e os impactos negativos chegaram aos nossos dias. Com o governo militar investindo para que a agricultura e a pecuária exercessem papel predominante dentro da nova

estratégia nacional de desenvolvimento econômico, o resultado não poderia ser diferente: há um aumento da representatividade dos interesses de grandes proprietários rurais e de latifundiários. **Ricardo Gomes:** Na Marvel eles tiveram um problema semelhante com a Hydra. A SHIELD lutou anos, mas os tentáculos da Hydra continuavam se enveredando por dentro dela. **Gabriel Oliveira:** Mais uma referência da Marvel. Mas hoje, é importante frisar isso para você, que a bancada ruralista se faz presente no Congresso como uma das mais importantes e extensas, são 226 deputados (isso significa quase metade dos deputados) e 27 senadores (exatamente 1/3 deles) – segundo dados de 2019. Essa bancada defende, entre outros interesses, uma produção agrícola em alta escala e incentivo ao agronegócio. O problema do poder desse grupo está na pressão que exercem sobre outros parlamentares no momento de tomada de decisões e no apoio ao afrouxamento das leis ambientais.

**Ricardo Gomes:** E aí, nesse momento, nós nos lembramos daquele poema “A Flor e a Náusea” de Carlos Drummond de Andrade. Embora tenha sido publicado em 1945, no livro “A Rosa do Povo”, é atemporal. Pode caber em qualquer época em que existam corações que batem por respeito e justiça.

[...]

*Uma flor nasceu na rua!!!*

[...]

*É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.*

**Gabriel Oliveira:** É, foi forte hein? Mas, o que tem a ver, Ricardo, esse poema, a flor do Drummond, com nosso tema, com a nossa conversa?

**Ricardo Gomes:** Ela pode representar essa flor que fura o asfalto, essa flor que nasce em meio a tudo de ruim, pode representar a luta de ativistas por um mundo

mais justo, sem as desigualdades que ferem os direitos constitucionais, sejam elas quais forem, apesar de todo cenário, que em uma escala maior, parece ser muito opressor e totalmente contra esses princípios.

**Gabriel Oliveira:** Os anos de autoritarismo e repressão política das décadas de 60 e 70 foram difíceis, mas o movimento ambientalista brasileiro ganhou força e obteve sua primeira grande conquista, com a promulgação da Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), um marco na nossa história. \* **Ricardo Gomes:** Só me arrependo dessa PNMA não ter vindo antes de nós termos IBAMA, CONAMA, CISNAMA, que nós perdemos a grande oportunidade da política nacional do meio ambiente ser a PONAMA. \* **Gabriel Oliveira:** para completar os cavalheiros do meio ambiente. \* **Ricardo Gomes:** os super Sentais, igual o Megazord: CONAMA, CINAMA. \* **Gabriel Oliveira:** O texto que trata da PNMA, inserido na Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, é composto por uma série de artigos e incisos que têm como finalidade a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental.

**Ricardo Gomes:** E aqui é importante ressaltar que esse texto, assim como boa parte da legislação ambiental brasileira, traz para quem lê, a imagem de um Brasil íntegro, consciente e responsável [risos]. Desculpe, gente, não tem como não rir nessa parte.

**Gabriel Oliveira:** Quando o assunto é zelar pelo meio ambiente e todos os demais recursos naturais valiosos que se alastram por nosso extenso território, não podemos nos esquecer, também, de mencionar o SISNAMA (Sistema Nacional do Meio Ambiente). Um dos Super Sentai, e é composto por um conjunto de órgãos públicos federais, estaduais e municipais, além de órgãos não-governamentais instituídos pelo poder público. Esse sistema é responsável pela defesa do meio ambiente ecologicamente equilibrado e sua fiscalização.

**Ricardo Gomes:** Dentre esses órgãos, estão entidades públicas como o Ministério do Meio Ambiente, que exerce a função de supervisão e planejamento, além do

IBAMA, mais um super Sentai (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais), do ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade) que atuam como órgãos executores (o IBAMA e o ICMBio), e do CONAMA (Conselho Nacional do Meio Ambiente) que atua como órgão consultivo e deliberativo. É importante perceber que o papel desses Rangers, do Super Sentai, esses órgãos, é auxiliar o poder executivo a tomar decisões mais acertadas, barrando qualquer medida descabida que viola os princípios estabelecidos no PNMA. Fica visível, também, que a estruturação é sólida e consolida a relação entre desenvolvimento (econômico e social) e a preservação do meio ambiente, visto como um direito fundamental básico para uma vida digna.

**Gabriel Oliveira:** Contudo, todo o cuidado com a formulação de leis e com a criação de entidades responsáveis por sua execução pode acabar caindo por terra e se tornar um perigo se pessoas despreparadas e descompromissadas com as pautas ambientais ocuparem cargos de tomada de decisão em algumas instituições. \*

**Ricardo Gomes:** Acho que isso não acontece não, Gabriel. \* **Gabriel Oliveira:** Acho que isso não está acontecendo no Brasil. \* **Ricardo Gomes:** acho que isso não está acontecendo há quatro anos, não. Não é possível! \* **Gabriel Oliveira:** O resultado pode ser a legitimação ou encobrimento de ações que causam danos ao meio ambiente e o descumprimento das normas de proteção ambiental, patrocinado, quase sempre, por esquemas de corrupção, e é bem o que propunha o ex-ministro Ricardo Salles, quando sugeriu se aproveitar do momento e abrir as portas para ir deixando “passar a boiada”.

**Ricardo Gomes:** Ricardo Sales, também conhecido nas rodas como “tchutchuco” de madureiro. **Gabriel Oliveira:** um dos muitos “tchutchucos” \* **Ricardo Gomes:** é engraçado porque, eu fico chocado em pensar nisso porque, no mínimo, é zero empatia, meio mundo morrendo e o cara diz: está tudo certo, vamos continuar fazendo as coisas erradas aqui, sem que as pessoas visualizem isso. **Ricardo Gomes:** E se

falar que teve desmatamento ele fica “bravinho”. Ficou nos bastidores do primeiro debate presidencial esse ano na band, foi brigar com Janones, não gostou de falar que teve desmatamento na gestão dele.

**Gabriel Oliveira:** É complexo, eu fico pensando, aproveitando esse gancho que nós tiramos um momento do episódio para falar do Ricardo Sales. \* **Ricardo Gomes:** essa figura querida, para não falar o contrário. \* **Gabriel Oliveira:** eu não sei se você viu, Ricardo, que tem um podcast com o Ricardo Sales e, eu não sei se o Ricardo Sales é um dos membros, mas... \* **Ricardo:** É Ricardo Sales e aquela figura nefasta da Biologia, que é xará do Ricardo Sales só que em inglês. \* **Gabriel Oliveira:** O Richard. E assim são as pessoas que têm uma relevância imensa. \* **Ricardo:** são as pessoas que me fazem ter vergonha do meu nome, às vezes. / **Gabriel Oliveira:** nossa é verdade! Tem a versão em Português e a versão em Inglês. É, cara, você está ferrado mesmo! Mas é isso, essa coisa de “passar a boiada”, essa total falta de empatia, isso me choca muito ainda hoje.

**Ricardo Gomes:** Na segunda metade dos anos de 1980, o destaque fica por conta do processo de redemocratização e da promulgação da constituição federal em 1988, que em um dos seus artigos enfatiza o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado e um maior comprometimento da união para com a problemática ambiental.

**Gabriel Oliveira:** Outro aspecto a destacar é que além da grande influência dos movimentos ambientalistas nacionais, a presença de entidades internacionais, como o G7, o grupo das maiores e mais industrializadas economias: Alemanha, Canadá, EUA, França, Itália, Japão e Reino Unido...

**Ricardo Gomes:** ou se ninguém quis deixar ela entrar.

**Gabriel Oliveira:** Bom, mas o G7 foi criado em 1965 e continua até hoje apoiando tomadas de decisões, ações diplomáticas, políticas e econômicas. Com o objetivo de



promover um desenvolvimento mais sustentável e a preservação do meio ambiente, por exemplo, a eliminação progressiva do uso de carbono e medidas para amenizar a poluição plástica. No período em que estamos falando, o da redemocratização, o grupo do G7 se juntou a ambientalistas brasileiros e o apoio teve como foco a Amazônia, considerada então uma fronteira socioambiental.

**Ricardo Gomes:** E nesse ponto, vocês podem estar se perguntando o porquê do apoio, havia necessidade desse apoio, Gabriel?

**Gabriel Oliveira:** Sim, havia. O problema é que o território amazônico passava por um processo de replanejamento, com entidades e governos interessados na extração e exportação de recursos da região, sem respeitar o conceito de sustentabilidade estabelecido pelos movimentos ambientalistas. É também na segunda metade da década de 80 que a bancada ruralista ganha força no congresso nacional. Aquela bancada que a gente comentou com metade dos deputados e um terço dos senadores. \* **Ricardo Gomes:** a deputaria toda... \* **Gabriel Oliveira:** E isso ocorre em um contexto bem delicado, a ocupação de terras por trabalhadores "sem-terra" e o estabelecimento do decreto número 91766 de 10 de outubro de 1985, que aprova o PNRA (Plano Nacional de Reforma Agrária).

**Ricardo Gomes:** E por que desse contexto ser delicado? Vamos imaginar uma cena. Um tribunal, ali aquele tribunal, que a gente não sabe como é o tribunal brasileiro, mas a gente imagina como seja o tribunal estadunidense, que é o que a gente vê na televisão. No centro deste tribunal tem o congresso nacional, onde a função é aprovar leis. De um lado do congresso, do lado direito fica a bancada ruralista, que representa os grandes detentores do capital que são associados ao agronegócio, as atividades agrícolas e agroindustriais. Do outro lado, do lado esquerdo ficam os sem-terra, e aqui eu não estou me referindo ao MST, estou falando das pessoas sem a posse da terra.

Quando esses dois grupos, de cada lado, têm interesse, vence quem tem maior representatividade e poder financeiro. Até porque a gente já viu, quase metade, 44% dos deputados são da bancada ruralista e 1/3 dos senadores também são. Então qual lado que sai perdendo e qual lado que sai ganhando nisso? Por ser uma das forças políticas do congresso nacional, os ruralistas passaram a exercer profunda influência na regulamentação de artigos constitucionais relativos à PNRA, sempre com vista nos seus próprios interesses, é claro.

**[música ao fundo]**

**Gabriel Oliveira:** E aí as décadas de 70 e 80 foram marcadas por alguns empreendimentos de alto impacto ambiental. Como por exemplo a produção da Transamazônica, que é uma rodovia que interliga Cabedelo na Paraíba à cidade de fronteira Benjamin Constant, no Amazonas. E de lá, ela passa pelo Peru e o Equador chegando até o pacífico, favorecendo assim o escoamento da produção brasileira. Mas a construção foi interrompida em Lábrea, ou seja, 687 quilômetros antes do estabelecido pelo projeto final.

**Ricardo Gomes:** E o sonho de grandeza se diluiu no pó da estrada, que até hoje continua de terra na maior parte do percurso. E é intransitável durante alguns períodos do ano. E também sofrendo as consequências do desmatamento e poluição, quase sem ser mencionada.

**Gabriel Oliveira:** E aí, bio-ouvinte, chegamos aos dias de hoje. Exatamente como a Transamazônica, quase que só o pó. Apesar das leis adequadas e instituições dirigidas por normas abrangentes, as matas seguem sendo destruídas por incêndios violentos, o solo corroído pela ambição da riqueza e pessoas morrendo por lutar pela preservação da natureza e pelo direito dos povos indígenas à terra. E com alguns

candidatos à presidência dizendo que é culpa deles mesmo, que os incêndios por exemplo são causados por eles mesmo.

**Ricardo Gomes:** Por outro lado, os serviços públicos ambientais vêm sofrendo com a precarização do setor há alguns anos. Mas nos últimos 3 anos, a situação chegou a um ponto crítico, por exemplo, com a política do atual governo de contratar funcionários temporários, sem qualificação específica para o cargo, em vez de promover concursos públicos. Quanto tempo você não vê concurso público abrindo, bio-ouvinte? Pois é. O que demonstra o descaso e a existência de um processo de desmonte dessas instituições. Não só promovendo esses funcionários não preparados para o cargo, como botando cargos de confiança, cargos que são de liderança, que eles podem apontar, botando generais, botando militares, que não tem essa função. Não adianta, ah o cara se formou na Agulhas Negras, não quer dizer que ele saiba lidar com a Amazônia que ele saiba lidar com questões ambientais.

**Gabriel Oliveira:** É um grande preparo. Tudo bem, se formou nas Agulhas Negras, ok, mas e o ambiente, você sabe?

**Ricardo Gomes:** Até aí, até Bolsonaro se formou nas Agulhas Negras e olha a merda que é.

**Gabriel Oliveira:** Exatamente. E é justamente nesse sentido que continuamos. Um dos fatos que mais chama atenção é que cargos importantes de instituições ligadas à defesa do meio ambiente, exigem experiência no setor e conhecimento técnico específico, estão nas mãos de militares que não cumprem essas duas exigências básicas, e que deveriam ser absolutamente óbvias.

**Ricardo Gomes:** Sim, sim [risos]. Deveria ser o mínimo, sabe aquela coisa, você tinha uma função!

**Gabriel Oliveira:** Exatamente.

**Ricardo Gomes:** Desde o alto escalão do ministério do meio ambiente até as diretorias do Ibama e do ICMBio, os postos-chaves estão agora sob a tutela de oficiais das forças armadas e da polícia militar. Não estamos questionando a capacidade militar dos que ocupam esses cargos, apesar de elas também poderem ser questionadas, mas estamos falando da falta de qualificação específica que essas posições exigem. Além disso, as funções das forças armadas e da polícia militar são outras.

**Gabriel Oliveira:** Segundo o artigo 142 da constituição, as forças armadas, no caso, exército, marinha e aeronáutica competem "a defesa da pátria, à garantia dos poderes constitucionais e por iniciativa de qualquer deles, da lei e da ordem". As polícias militares por sua vez cumprem dupla função, ou seja, tanto são órgãos de segurança pública dos estados federados quanto forças auxiliares de reservas do exército brasileiro. E de acordo com o artigo 144 da constituição, tem a função de fazer o policiamento ostensivo e de preservar a ordem pública.

**Ricardo Gomes:** Pois é. E não sei se você percebeu, bio-ouvinte, esse artigo 142, como o Gabriel falou, defesa da pátria, garantia dos poderes constitucionais. Esse artigo 142 tem entrevistas até do general Heleno falando as bobagens que ele costuma falar mesmo, sobre o artigo 142. Esse artigo está sendo utilizado para dar mais poder ao exército, poder que ele não tem, como se fosse um poder moderador. Não existe poder moderador na república que temos aqui no Brasil, existe poder legislativo, executivo e judiciário. A última vez que teve poder moderador foi com Dom Pedro I. Não sei se com Dom Pedro II ainda tinha esse poder moderador, se ele exercia isso. Mas assim, não existe essa função no exército, eles não estão lá para decidir quem está saindo da linha e ir lá botar todo mundo na linha, tanto que o artigo 142 fala: a garantia dos poderes constitucionais por iniciativa de qualquer destes da

lei da ordem, ou seja, o exército tem que ser acionado pelo executivo, legislativo ou judiciário para a garantia da lei da ordem e dos poderes constitucionais. O que estamos vendo no Brasil hoje, e estamos gravando isso aqui no início de setembro de 2022, pouco antes... 30 dias antes do primeiro turno das eleições presidenciais de 2022. O que está acontecendo é que o poder executivo utiliza do exército, e aí o generalato tá todo metido nessa encrenca também, o poder executivo está utilizando do exército para fins golpistas. E aqui eu já não tenho vergonha nenhuma de falar isso porque afinal de contas o nosso presidente não tem vergonha nenhuma de incitar golpe toda vez que ele tem oportunidade.

**Gabriel Oliveira:** Exatamente, toda oportunidade. E ainda joga a culpa para outras pessoas, como aconteceu na própria entrevista do Jornal Nacional que o Bonner deu uma apertada nele. E ele falou: “e aí você quer que eu seja um ditador”. Não filho, você já está insinuando isso aí, a tanto tempo.

**Ricardo Gomes:** Pois é. Aquilo ali tem cara de ter sido muito combinado, sabe? O pessoal o preparou para essa fala específica do Bonner, sabendo que ele ia ouvir que você está governando com o centrão, é não, fala pra ele que se você não governar com o centrão você não governa, então você é um ditador.

**[música ao fundo]**

**Ricardo Gomes:** Nossa, muito combinado aquilo ali. E é assim que chegamos a 2022, com uma certa, por assim dizer, interpretação errada deste artigo 142 do que seja dirigir órgãos que tenham como foco trabalhar com políticas públicas para a preservação e conservação do meio ambiente. E como foi dito, a missão dos militares é outra, então cada um no seu quadrado, cada um na sua área, não sai da sua caseira que eu não saio da minha casa. E isso, Gabriel, porque nem falamos do acúmulo de cargos e benefícios. O cara é general, continua ganhando como general, generais da ativa não só da reserva, continuam ganhando seu salário de general e acumulam com

o salário do funcionalismo público na vaguinha que ele entra. Então o teto do funcionalismo, o teto do salário foi para o espaço.

**[música ao fundo]**

**Gabriel Oliveira:** E aí eu até convido, você, bio-ouvinte, a entrar no portal da transparência porque esses dados são públicos e você... pelo menos assim, uma parte insignificante do tanto que eles estão ganhando de dinheiro. Mas o que está no portal da transparência, dá para ver o próprio Bolsonaro, ele tem lá a aposentadoria mais a grana que ele recebe como presidente, e isso vale para os outros militares também. E aí, as consequências de tudo que vivemos aqui, parte do que comentamos e mais um pouco, principalmente nos últimos 3 anos. E é sempre importante frisar os últimos 3 anos, não que não tenham tido problemas antes, mas o nível das coisas escalonou de uma forma inimaginável nesses 3 anos. E é por isso que sempre vamos bater o martelo nisso.

**Ricardo Gomes:** [risos] Os últimos presidentes antes do Jair Bolsonaro, quando o Lula teve voz de prisão, ele se entregou. A Dilma quando sofreu impeachment, ela saiu. O Temer quando teve voz de prisão, também se entregou. E o cara está desde agora, desde antes de perder o foro privilegiado, já está falando que não vai ser preso, já está falando que querem prender ele, já fica falando geminianos que é uma política que foi presa depois que perdeu o cargo. O cara já está falando que ele não vai/ ele já não age de acordo com várias leis e já está falando que não vai agir de acordo com as leis em que ele será enquadrado no futuro.

**Gabriel Oliveira:** E o cara não tem escrúpulo em relação a ser investigado. É isso, está começando a dar ruim em alguma coisa, vamos lá para um “sigilão” de cem anos aí, toma aí cem anos sem poder ser investigado.

**Ricardo Gomes:** Não, e ainda brinca. Foram perguntar em uma entrevista e ele falou que daqui a cem anos você vai saber. E eu queria saber também, bio-ouvinte, deixa aqui nos comentários, no post desse episódio ou nas nossas redes sociais se a sua família já comprou 51 imóveis com dinheiro vivo. Porque temos que ter documentação de mais gente para tornar isso normal, já que ele falou que é normal.

**[música ao fundo]**

**Gabriel Oliveira:** É... 51 imóveis. Com dinheiro, tipo toma aí meio milhão. É isso aí.

**Ricardo Gomes:** Gabriel, eu vou aqui na padaria e eu parcelo o pão.

**Gabriel Oliveira:** Exatamente, e a gente conta moeda. Vamos contando de cinco em cinco para comprar, isso nos dias piores. E 51 imóveis, tá bom valeu.

**Ricardo Gomes:** Não sabia que a franquia da Copenhagen dava tanto dinheiro assim não.

**Gabriel Oliveira:** Mas voltando **[risos]** ah cara, é uma indignação tremenda. Então é bem provável que durante esse desmonte, a gente acabe saindo mesmo da proposta do episódio porque é isso, é inconcebível isso acontecer ainda hoje. Mas bem, voltando para os últimos 3 anos, todas essas consequências acabam nos permitindo olhar tudo isso, é... ver esse cenário todo em um lugar privilegiado, então estamos/não que esse privilégio seja bom porque nós estamos assistindo o desmatamento da Amazônia dando um salto de 74% no último ano, segundo dados fornecidos pelo INPE, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. E não só isso, nós também estamos assistindo de camarote as queimadas do Pantanal e no Cerrado, que aumentaram quase 20%. Eu acho que todo mundo que ouve internet tem de alguma forma, pelo menos assim uns flashes do que foi/ eu digo pelo menos porque tem muita gente que

se negou a ver, por serem cenas muito fortes. Mas assim, um flash da desgraça que foram essas queimadas.

**Ricardo Gomes:** Sim. Recentemente nós tivemos o episódio da Fofofauna, falando de macrofauna carismática, os animais que achamos bonitinhos e acabamos conservando mais por causa disso, a onça foi um símbolo forte desse desmatamento dessas queimadas porque onças morreram. E principalmente onças que foram mostradas com as patas queimadas de correr da área do fogo, mas sem ter para onde ir. Corria do fogo, mas do outro lado também tinha fogo, acabou que ela conseguiu ser resgatada, mas com as patas completamente queimadas.

**Gabriel Oliveira:** Sim. E eu lembro que os vídeos das onças eram uma das coisas mais viralizadas mesmo. Sempre tinha um videozinho delas com as patas queimadas.

**Ricardo Gomes:** E cara, eu trabalhei um tempo/ eu sei que estou divagando aqui, mas vai ser rapidinho, tá [risos]? Eu trabalhei um tempo com fogo no Cerrado, justamente com fogo controlado e também vendo o fogo induzido, fogo criminoso. Em um desses que não era controlado, um fogo criminoso mesmo, eu vi na minha frente um tamanduá correndo na frente do fogo. O fogo veio na nossa direção, estávamos tranquilos porque estávamos perto da estrada então tinha pouca chance de passar para o outro lado da estrada. Mas o tamanduá veio correndo na nossa direção, minha e do resto da equipe, porque ele estava correndo da linha de fogo. E aí quando ele viu as pessoas, ele correu de volta, ele se espantou com as pessoas e correu de volta e estava correndo na direção do fogo. [Gabriel Oliveira: Nossa senhora.] Aí foi um desespero na hora, os brigadistas do parque nacional da Serra da Canastra, estavam lá para combater o fogo para ver se tinha como combater, como apagar, como fazer naquela situação. Na hora eles conseguiram correr para frente, para ficar entre o fogo e o tamanduá para espantar ele de volta para o outro lado. Acabou que nessa situação específica desse tamanduá, desse indivíduo, ele continuou a voltar na nossa direção,



saímos da frente e ele atravessou a estrada e fugiu desse incêndio. Mas vimos nas notícias que muitos animais não escaparam como esse específico escapou dessa vez.

**[música de fundo]**

**Gabriel Oliveira:** E são mais os que marcam muita gente, pra gente que viu pela internet já é uma coisa dolorida, imagina presenciar. E é o que muitos biólogos e outros profissionais derivados viram de perto no combate a essas queimadas. Mas como desgraça pouca é bobagem, como se isso fosse pouca coisa, o governo ainda gerou uma proposta de fundir o ministério do meio ambiente e o ministério da agricultura, ou seja, simplesmente tirar o pouco poderio que ainda se tinha/ acho que eu não preciso nem dizer isso porque não se tinha, a partir do momento em que foram colocados ministros com interesse alinhado ao governo eu não senti mais a mínima pretensão de se preservar nada. Mas o ministério / pode falar.

**Ricardo Gomes:** Comentamos isso no episódio da FUNAI também, que teve essa proposta, foi semelhante ao que fizeram e aí conseguiram mesmo fazer com o ministério da cultura que virou só uma pastinha nos ministérios das comunicações. E vimos onde a cultura desse país, foi parar, primeiro na mão de um nazista, que só saiu por realmente fazer apologia direta ao nazismo para toda a população brasileira. E depois para Regina Duarte que eu não sei o que está fazendo essa senhora, que está completamente fora da casinha, e para depois ir para a mão de Mário Frias, um cara que nem a malhação deu jeito. **[música ao fundo]** A cultura que já esteve na mão de Gilberto Gil, está na mão hoje de Mário Frias. Abraço para o pessoal da cultura aí, a gente padece da situação de vocês.

**[música de rock no fundo]**

**Gabriel Oliveira:** E é importante deixar claro que esse Ministro saiu do cargo por ele ter feito uma menção realmente explícita, porque, bom... o Bolsonaro com bastante

frequência usa do Deus, para ele pátria que tem uma referência a movimentos fascistas. é um dos bordões dele para se integrar a pessoas, enfim... Então assim, foi uma referência direta e que caíram muito em cima para poder tirarem ele. Cara, enfim... É uma completa bizarrice. Mas então, voltando, o que nós estávamos falando dos Ministérios. O Ministério do Meio Ambiente, o Ministério da Agricultura teve uma proposta para que eles fossem fundidos, unidos. Simplesmente dando o queijo na mão dos agricultores.

**Ricardo Gomes:** E aqui, é importante deixar claro que não existe qualquer aspecto positivo no fato de se ter um ministério a menos, mas um grande perigo na escolha de quem vai gerir as questões ambientais. Afinal, ao agronegócio só importa o lucro.

**Gabriel Oliveira:** Felizmente, com a repercussão negativa que teve em setores da sociedade brasileira e com medo da repressão internacional, o governo Bolsonaro recuou.

**Ricardo Gomes:** Com o ex-ministro da porteira, o Ricardo Salles que pregava aos quatro ventos que o agronegócio era o melhor amigo do meio ambiente, o que deveria caminhar para frente também foi só para trás.

**Gabriel Oliveira:** Entre outras barbaridades das reformas infralegais, fez um corte de 24% no orçamento do Ibama; redirecionou, a proprietários de terras, uma verba pública destinada à preservação da Amazônia; e reformulou o quadro de funcionários do ICMBio, indicando pessoas sem a especialização adequada para os cargos na instituição como já é de praxe. E aí fica também evidente, a proteção do governo e do ex-ministro ao agronegócio, quando, por exemplo, diminuem o número de multas para as queimadas, mesmo com o índice aumentando e quase atingindo o nível crítico de “irreversão”. Assim, o advogado Ricardo Salles deixou o cargo em 2021, após muita tensão com organizações não-governamentais, alguns parlamentares e países estrangeiros e de começar a ser investigado pelo STF por suspeita de corrupção em favor de madeireiros.



**BIO** <sup>IN</sup>  
SITU

# Biologia In Situ Podcast

**Ricardo Gomes:** Ano passado inclusive, agora não estou lembrando se foi ano passado ou já foi esse ano porque esse ano está sendo longo para caramba, apesar de estar passando rápido, paradoxal também. Chegou a ter um leilão de maquinários do IBAMA, então viatura, carro, coisas que... maquinário que o pessoal precisa para realmente fazer o trabalho que o IBAMA tem que fazer de fiscalização, esses itens começaram a ser leiloados, ou seja, além do aparelhamento de pessoas incompetentes para o cargo, ainda se acabou com o material de trabalho. Ainda teve isso. Apesar da saída do Ricardo Salles isso não significou mudança de direcionamento do ministério, já que quem assumiu o posto de chefe da pasta foi um cara chamado Joaquim Álvaro Pereira Leite, servidor da Secretaria da Amazônia e Serviços Ambientais, desde 2019, ou seja, já na gestão Bolsonaro e gestor da Secretaria de Florestas e Desenvolvimento Sustentável, desde 2020. E, sem querer dar spoiler, bio-ouvinte, foi mais ou menos a mesma coisa que aconteceu na sucessão de ministros do Ministério da Saúde. Então, se o ministro que está não concorda com o que o Bolsonaro fala, ele troca por outro. Se o outro entra e começa a falar coisas que também não concorda troca por outro e assim vai trocando até entrar um Pazuello da vida que muito bem usou essa frase aqui para descrever a relação dele com o Bolsonaro: "Senhores, é simples assim, um manda e o outro obedece". E nessa de um manda e o outro obedece, foi a mesma coisa no Ministério do Meio Ambiente. Quer saber o que chama mais atenção ainda? Para ocupar o novo cargo, esse cara, o Joaquim Álvaro Pereira Leite, ele teve de deixar para trás o cargo de conselheiro que ocupava desde 1996 na SRB, o que é SRB? Sociedade Rural Brasileira. Sociedade Rural Brasileira que foi comandar o Ministério do Meio Ambiente. E a influência da bancada ruralista continua a ser exercida, através da busca de monopolização das terras e da promoção de flexibilização de normas que favoreçam o crescimento do agronegócio, que não é tão "pop" assim, o que significa, também, uma limitação significativa aos avanços de normas e leis de proteção ambiental.



**BIO** <sup>IN</sup>  
SITU

**Gabriel Oliveira:** Bom, e só para completar, o Pereira Leite, ele vende... a família Pereira Leite é uma família ruralista, também eles têm disputas em terras indígenas, enfim... justamente por ser uma família que tem fazendas e essas coisas. Então, um homem que ele já nasceu nesse antro já sabe?

**Ricardo Gomes:** Ah imagina, totalmente imparcial.

**Gabriel Oliveira:** Bem, tirando os interesses escusos, o agronegócio deve seguir forte, porque, o cerne do modelo de desenvolvimento econômico brasileiro é a produção agrícola. Mas pode representar, também, um perigo e uma ameaça ao meio ambiente e ao crescimento sustentável, se fizer uso de processos de produção agressivos que promovam a exploração intensa dos recursos naturais, carregando no seu encaço, a vulnerabilidade de territórios e populações minoritárias, como grupos indígenas, quilombolas e pequenos agricultores que trabalham com a agricultura familiar.

**Ricardo Gomes:** Entre os graves impactos socioambientais provenientes da expansão desse modelo de produção, podemos encontrar, também, a violação de direitos humanos; a utilização predatória dos recursos naturais e da biodiversidade única do país. É a extração desenfreada da madeira, muitas vezes de maneira ilegal. É a devastação de milhares e milhares de hectares de reservas naturais para plantio de vastas monoculturas. É a degradação ambiental de reservas que geram desemprego, concentração de terras e renda nas mãos dos mais ricos, que são uma parcela muito pequena da população.

**Gabriel Oliveira:** Aí fica difícil sustentar o slogan “O agro é pop”, quando é esse próprio grupo que promove vulnerabilidade social e insegurança alimentar! Em 22 de Setembro de 2020, no discurso que fez na Assembleia Geral da ONU, o Jair Bolsonaro disse: “No Brasil, apesar da crise mundial, a produção rural não parou. O homem do campo trabalhou como nunca, produziu, como sempre, alimentos para mais de 1 bilhão de pessoas. O Brasil contribuiu para que o mundo continuasse alimentado.” E mais adiante nesse discurso, ele continuou dizendo: “Garantimos a

segurança alimentar a um sexto da população mundial (...) o Brasil desponta como o maior produtor mundial de alimentos.” Mas, se atentarmos ao discurso de Bolsonaro, veremos que nem tudo é o que parece ser. Segundo dados da Embrapa, o Brasil é responsável por 10% da produção mundial de trigo, soja, milho, arroz e cevada, mas isso não significa nem um pouco que seja capaz de alimentar 10% da população mundial, já que boa parte da produção de soja e milho não é para consumo humano. Bom, também não esperaria mais do mesmo cara que disse que tem gente que não está passando fome, que essa coisa de estar passando fome, que você não vê alguém na padaria pedindo pão.

**Ricardo Gomes:** Não, não se vê as pessoas morrendo de fome não! Não vê as pessoas na fila do osso, não é nem no açougue, na esperança do osso, das partes de tendão. As pessoas não estão querendo nem mais carne, não tem condição, elas estão indo atrás dos restos. Imagina se não tem ninguém passando fome.

**Gabriel Oliveira:** Exatamente, é claro que a solução mágica é entrar no cadastro de espera gigantesca desse Auxílio Brasil. É Auxílio Brasil, o nome?

**Ricardo Gomes:** é Auxílio Brasil.

**Gabriel Oliveira:** Auxílio Brasil, porque ele disse que o Bolsa Família pagava 10 reais a hora ou o dia, não me lembro, enquanto o Auxílio Brasil dobra. Então, se você está passando fome é só entrar nesse cadastro.

**Ricardo Gomes:** Se você que está passando fome que está com a internet em dia e smartphone na mão para baixar o aplicativo e entrar na lista. Bom, mas além disso tudo, é preciso entender também que a maior parte dos produtos produzidos em monoculturas brasileiras são vendidos como commodities. Palavra pomposa, de origem inglesa, para uma atividade bem simples. Refere-se a uma mercadoria que não sofre processos de alteração, mas serve de matéria-prima para a produção de outras coisas, por exemplo, frutas, legumes e cereais, são matérias primas. Isso mesmo, querida bio-ouvinte, nós exportamos a matéria-prima e importamos o produto final, logicamente acaba pagando o preço muito maior do que o preço que nós

vendemos. Ou seja, aquela história que nós ouvimos desde o Ensino Fundamental nas aulas de história de que o Brasil colônia exportava matéria prima e importava produtos manufaturados. Nós não mudamos, a gente continua exportando matéria prima, as mesmas matérias primas inclusive, cereais, frutas, comidas no geral e legumes. E nós importamos smartphone agora, nós só mudamos que importamos coisas muito mais caras do que produtos manufaturados.

**Gabriel Oliveira:** Mas gente... voltando ao discurso de Bolsonaro na ONU... apesar de apresentar distorções, as frases produziram, na época, impacto positivo grande, principalmente entre seus apoiadores, que também não é espanto nenhum. Enquanto isso, a FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura), depois de 7 anos (a edição anterior foi em 2015), ela voltou a incluir o Brasil no “Mapa da Fome”. É bom esclarecer que isso ocorre, quando mais de 2,5% da população de um país enfrenta falta crônica de alimento. O mesmo país que segundo o Bolsonaro não tem fome. O Brasil atingiu, em 2018, a taxa de 4,1%. Entre 2019 e 2021, 60 milhões de pessoas tiveram dificuldade para se alimentar. Desse total, 15 milhões passaram fome. Entre 2014 e 2016, eram 4 milhões em insegurança alimentar grave.

**Ricardo Gomes:** Sim... é verdade. é verdade também que nesse período tivemos uma pandemia, mas, como o próprio presidente afirmou em seu discurso na ONU, a “produção rural não parou” e a venda de alimentos básicos teve, nesse mesmo período, um aumento significativo. A razão, segundo alguns analistas, foi o fato de os consumidores priorizarem a alimentação num momento em que o distanciamento e isolamento eram fundamentais para vencer a doença. Então... como que um “país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza”, segundo o Jorge Ben Jor, o poeta das repetições, como que um país desse volta a marcar presença no Mapa da Fome?

**Gabriel Oliveira:** Bem gente, foi isso que nós nos propusemos para este episódio. A ideia era mesmo apontar algumas das causas do sucateamento de instituições e



# Biologia In Situ Podcast

órgãos públicos, contando um pouco da história do surgimento desses órgãos. E nós procuramos deixar claro o rastro de comprometimento e devastação do meio ambiente, a fim de mostrar que progresso não é nem pode ser sinônimo de destruição. Caso contrário, a própria humanidade corre risco de extinção. E é claro também... como eu disse antes a gente acaba passando por outros assuntos porque o meio ambiente é só uma das pautas que sofreram, como o Ricardo disse no primeiro episódio que de maneira geral esse governo destruiu tudo. Então, nós estamos falando que nos compete falar um pouquinho mais, mas acabamos saindo um pouco do assunto e até por vezes brincando, dando uma risada ou outra porque é uma situação [suspiro, riso] que é o que dá para a gente fazer.

**Ricardo Gomes:** é, se brasileiro não tivesse senso de humor nós teríamos sucumbido a depressão em massa, não que não esteja, mas já teria sucumbido a depressão em massa já a alguns séculos porque a situação está ruim já faz tempo. Mas agora principalmente ela conseguiu piorar ainda mais, sabe aquele meme? "Estava ruim, agora parece que piorou".

**Gabriel Oliveira:** é, está pior vai piorar com Alceu Valença. Acho que é do Alceu, se não for me corrijam.

**Ricardo Gomes:** é do Alceu, daqui para frente é do Alceu.

**Gabriel Oliveira:** [risos] Mas nós teríamos outras coisas para falar, talvez desmentir algumas das coisas que o Bolsonaro disse na última entrevista no Jornal Nacional, algumas coisas do debate, acho que não entra nesse episódio, mas o Jornal Nacional tem alguns pontos que eu achei legal e vamos deixar alguns links na descrição como: "Tratores que derrubaram árvores na Amazônia só derrubam em lugares permitidos e não são ilegais" ou então " Não existe destruidores de florestas". Então, alguns dos absurdos que ele falou na entrevista e vamos deixar alguns links para vocês poderem ler um pouquinho mais sobre isso.

**Ricardo Gomes:** Sim, e quanto as outras áreas a gente foca na biologia, não é à toa que somo o Bio In Situ. Nessa minissérie eu estava falando de Funai, meio ambiente,





# BIO <sup>IN</sup> SITU

# Biologia In Situ Podcast

educação e saúde. São as áreas que a biologia tem mais contato, mas assim, vocês podem acompanhar para manter na área dos podcasts, podcast ViraCasacas que fala muito sobre o panorama geral da política nacional, o Anticast também, que agora está dando um tempinho, mas que tem episódios maravilhosos no esclarecimento das coisas que estão acontecendo. Lado B do Rio também que está sempre trazendo a visão bem... uma contextualização mais próxima da visão popular. Então, são essas as dicas.

**Gabriel Oliveira:** Ah, vou dar duas dicas também então. Já que abrimos brecha para isso [risos]. Bom, eu queria citar o.... bom, primeiro o Furo de Teresina que é o meu xodozinho, Ricardo não aguenta mais eu falando disso. Mas é porque foi um dos primeiros que eu ouvi e me identifico até hoje, eles fazem umas análises com bastante comprometimento. E, recentemente eu tenho tido ouvido muito Medo e Delírio em Brasília por indicação do Ricardo também. Eu acho que vale a pena se você quer saber um pouco mais sobre tudo que estamos vivendo, de maneira engraçada, com bastante recorte, com bastante inserção. Mas cara, eles mandam bem, é um trabalho incrível e vale muito a pena conferir tudo isso. Reforço as do Ricardo, Lado B do Rio é muito bom e é isso gente.

**Ricardo Gomes:** Pois é e terminamos por aqui então esse episódio sobre o desmonte no meio ambiente e nos encontramos no próximo episódio, que vamos falar sobre educação e aí se preparem também porque sucessão de ministros incompetentes [risos], não foi uma coisa rara nesse governo. E até o próximo episódio Bio Ouvinte, nós temos as nossas cartinhas, o nosso e-mail [cartinhas@biologiainsitu.com.br](mailto:cartinhas@biologiainsitu.com.br). Fale com a gente, mandando seu e-mail, mandando sua cartinha. Também nas nossas redes sociais comentando lá no Instagram, Facebook, no LinkedIn como [@biologiainsitu](https://www.linkedin.com/company/biologiainsitu) e no Twitter e TikTok como [@bioinsitu](https://www.tiktok.com/@bioinsitu). E nós também temos transcrições desse áudio todo aqui que você escutou, tem a transcrição no nosso site, entrando no post no nosso site além de dar um page view para nós você tem acesso as transcrições. Então, uma pessoa que tem dificuldade de leitura, de atenção,



BIO <sup>IN</sup>  
SITU



peessoa que tem impedimento auditivo, tem lá a transcrição para você. E por último Gabriel, nós vamos dar nosso “tchau, tchau” aqui e pedir para nos apadrinhar. A gente tem lá nosso [padrim.com.br/biologiainsitu](http://padrim.com.br/biologiainsitu) que você pode entrar e nos apoiar, na faixa que começa com 1 real para cima. Então, o que couber no seu orçamento vai ser muito bem-vindo. Temos hospedagem no site, hospedagem nos episódios para bancar. Não é fácil não [risos].

**Gabriel Oliveira:** Um realzinho gente para vocês pode não ser nada, mas 1 realzinho de cada um ajuda muito.

**Ricardo Gomes:** É, e sabe quando sua conta... quando você entra na sua conta pelo aplicativo do banco e você tem lá 15963,55 reais e você arredondar sua conta? Manda esses 55 centavos para nós pelo nosso Pix, o Pix é o nosso e-mail [cartinhas@biologiainsitu.com.br](mailto:cartinhas@biologiainsitu.com.br)... aceitamos Pix, aceitamos tudo, se duvidar até cheque pré-datado.

**Gabriel Oliveira:** Então, se você quiser ajudar [risos] é só falar [risos].

**Ricardo Gomes:** Então é isso, muito obrigado, Gabi, muito obrigado, bio-ouvinte! Tchau tchau! [beijos] beijo, gente.

**Gabriel Oliveira:** Beijos, até a próxima!

**Ricardo Gomes:** esse episódio foi uma produção por Biologia In Situ. Coordenação: Cristianne Santos, Gabriel Oliveira, Ricardo Gomes e Vitor Lopes. Pesquisa de pauta: Alice Saldanha e Viviane Turman. Revisão científica: Felipe Ramos e Nadja Lopes. Revisão textual: Sueli Rodrigues. Roteirização: Sueli Rodrigues e Vitor Lopes. Locução: Gabriel Oliveira e Ricardo Gomes. Edição e mixagem de áudio: Klaus Heinz. Transcrição de áudio: Cecília de Lima, Cristianne Santos, Karina Laskawski, Laura Batista, Luiza Ferreira e Mariana Tigano.

**[vinheta de encerramento]**